

RESENHAS CRÍTICAS

MARTINS, Nilce Sant' Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo, EDUSP (Ed. da Univ. de São Paulo), 2001

No presente momento, em que são publicados numerosos dicionários e léxicos especializados, é com grande satisfação que recebemos a publicação de *O léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce S. Martins. Por tratar-se de obra alentada e de grande interesse, tecemos, aqui, algumas considerações, no sentido de divulgar um texto de capital importância e propor ao leitor um possível roteiro de leitura.

Como o mero levantamento de palavras escolhidas ao acaso não nos permitiria discutir com segurança os problemas específicos de estruturação morfológica, consideramos mais oportuno agrupar alguns dos vocábulos selecionados em função dos processos de formação.

Na impossibilidade de nos estendermos muito, deter-nos-emos nos processos de derivação sufixal, parassintética e regressiva e nos casos de cruzamento vocabular.

No que se refere à derivação sufixal, são dignos de nota os exemplos em que o sufixo adverbial *-mente* se anexa a substantivos: *almamente, coraçõemente, cruzmente, formosuramente, mãomente, milagrementemente*. O efeito de surpresa, resultante da associação de um sufixo a um radical com o qual normalmente não se conecta, também é perceptível em *nãoeza*.

Na forma comum – *homenzarrão*, não se tem consciência, na sincronia atual, de sufixo composto. Contudo, exemplos como *homenzarrinho* e *homenzarrão* apontam para o processo de desmembramento desses sufixos, decorrente de comutações transparentes.

A derivação parassintética constitui um processo vivo nas línguas românicas. Nesse terreno, os exemplos destacados chamam a atenção pelo caráter neológico: *embrasilhar-se, embrejar*, e outros. Merece referência especial o conjunto *almado, desalma, desalmoso*, resultante da decomposição do parassintético *desalmado*; em virtude desses desmembramentos, cremos que a melhor análise para *desalmoso* é *desalm(a) + -oso* e, num segundo momento, *des- + alma* (cf. p.155, s.v.), à semelhança do que assinalamos no parágrafo anterior.

Dá-se o inverso em *desemalocar*, onde temos a anteposição do prefixo *des-* ao parassintético neológico *emalocar*, análise preferível a *des-* + *-e-* + *maloc(a)* + *-ar* (cf. p.159, s.v.).

Ao contrário dos parassintéticos, os deverbais regressivos são tidos como não produtivos em português, embora substantivos como *agito*, *chego*, *sufoco* e *vacilo* sejam recentes e bastante divulgados. A autora faz um levantamento apreciável de deverbais regressivos na obra rosiana: *alopro*, *avejo*, *berberro*, *careteja*, *desarma*, *desarrazão*, *refervo*, entre outros. Note-se que são utilizados todos os sufixos átonos (indevidamente considerados por alguns como vogais temáticas nominais) marcadores desse processo: *-o*, *-a*, e *-e*. São raros os casos de deverbais regressivos terminados em consoante, mas os exemplos arrolados são persuasivos, em função da constelação a que se integram: *grol*, *engrol*, *desrol*; portanto, parece-nos preferível considerar *desliz* não como variante de *deslize*, e sim como deverbial regressivo sem sufixo átono (cf.p.162, s.v.).

Dos numerosos exemplos de cruzamentos vocabulares, destacamos alguns como *adormorrer*, *beobobo*, *copoanheiro*, *outrotanto*, *pacificioso*, *pobrepérrima* e *vãidade*, satisfatoriamente explicados pela autora. Em função do conjunto, julgamos mais aconselhável que se veja em *beobobo* a fusão de *beócio* e *bobo* e não “anteposição ao voc. *bobo* da soletração da síl. *bo*”(p.69, s.v.). Quanto a *pacificioso*, não nos parece que se trate do sufixo *-(i)oso*, pois essa variante só ocorre quando há *-i-* semivocálico no radical (*audacioso*, de *audácia*; *falacioso*, de *falácia*); preferimos ver aí a fusão de *pacífico* e *cioso*, explicação também proposta (cf.p.365, s.v.).

Encerrando nossas considerações, cumpre esclarecer que não é possível esgotar, aqui, todos os comentários relativos a um léxico muito bem selecionado e minuciosamente estudado ao longo de 536 páginas. Optamos pelo levantamento de alguns vocábulos em função de seu processo de formação, o que permite uma visão de conjunto e facilita a escolha de uma análise específica diante de duas ou mais propostas possíveis. À explicação morfológica se associa o exame da expressividade do vocábulo em função do contexto. Ressalta-se, finalmente, que as observações aqui apresentadas têm por objetivo conduzir o consulente a uma leitura mais profunda e global, à altura do excelente instrumento de trabalho com que nos brinda com a professora Nilce S. Martins.

Valter Kehdi

*